

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Isadora de Souza Monteiro

**UMA ANÁLISE SOBRE O IMPACTO SOCIAL DO PROTAGONISMO E PIONEIRISMO DAS
MULHERES NO CANDOMBLÉ**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Edson Fernando de Almeida

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ISADORA DE SOUZA MONTEIRO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201872024A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UMA ANÁLISE SOBRE O IMPACTO SOCIAL DO PROTAGONISMO E PIONEIRISMO DAS MULHERES NO CANDOMBLÉ**, desenvolvido durante o período de 14/08/2023 a 20/12/2023 sob a orientação de EDSON FERNANDO DE ALMEIDA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 20 de dezembro de 2023.

ISADORA DE SOUZA MONTEIRO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

TÍTULO DO ARTIGO

Nome do Autor¹

RESUMO

Falar sobre o candomblé no Brasil é falar não somente sobre a diáspora negra e seu surgimento enquanto religião de matriz africana em território brasileiro, mas também sobre o protagonismo feminino e o seu impacto sociocultural. Além do processo religioso, as mulheres do candomblé impactaram diretamente nas comunidades inseridas. O objetivo desse artigo, por meio de levantamento teórico, é de forma sucinta apresentar o papel de destaque e protagonismo da liderança feminina no candomblé, mas também elucidar os processos sociais, econômicos e políticos que se seguiram e possibilitaram a criação do macrocosmo religioso dentro de terreiros no coração da Bahia. Como o impacto comportamental de ascensão na vida cotidiana dessas mulheres perpassam os terreiros e o que possibilitou o destaque feminino frente a liderança religiosa em meio ao contexto escravocrata de um Brasil Colônia. Como a mulher, negra e pobre se desloca do papel único de cativa e se torna mãe de santo.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé. Diáspora. Mulheres. Matrifocalidade. Afro Religiosidade.

1. INTRODUÇÃO

O candomblé enquanto manifestação religiosa nasce em território brasileiro no século XIX, no entanto quais foram os processos que o findaram para o que se conhece hoje como uma religião de matriz africana?

Por quem se deu seu surgimento, manifestação e manutenção ao longo dos anos em um contexto histórico de resistência e violência referente à diáspora africana. O processo cultural do que hoje se é entendido como candomblé, o contexto social que permitiu seu surgimento, as ferramentas e personagens responsáveis por seu fortalecimento e os pilares que permitiram se reerguer enquanto espaço físico, mas também social e religioso na luta pela liberdade. Uma religião capaz de resistir e se adaptar ao tempo, espaço e violência marcada pelo papel de transgressão e o resgate de memória e tradição.

Entender sobre o candomblé é entender sobre a trajetória de um povo submetido a subalternidade e a luta pela sobrevivência, a constante busca por identidade e familiaridade, é distanciar a cosmovisão ocidental do sobrenatural e também do papel da mulher preta, pobre, escrava e marginalizada. Como também o reconhecimento e interpretação do papel feminino que se destaca em meio a esse contexto. Dessa forma, esse artigo retrata o pioneirismo das mulheres africanas e afrodescentes no candomblé, assim como a ocupação da matrifocalidade em meio a um contexto social patriarcal, a conceituação de família e identidade enquanto símbolos de adaptação e alforria e, além disso, a visibilidade religiosa na ocupação de destaque e centralidade da liderança das mulheres do axé frente a sua invisibilidade social. A tentativa constante de resgate ao que é familiar e todo o caminho percorrido por essas mulheres. Uma temática ampla capaz de circular no âmbito religioso, na conceituação de família, gênero e sexualidade.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Edson Fernando de Almeida

2. DESENVOLVIMENTO

Pioneirismo feminino no candomblé

Nasce em Salvador no coração da Bahia o candomblé e com ele o protagonismo feminino. O pioneirismo das mulheres nas religiões de matriz africana é o que possibilita o surgimento do candomblé que se dá pelo contexto socioeconômico frente à diáspora dos povos escravizados. Tal coexistência só é possível ao compreender primeiramente a chegada em massa do continente Africano no território que até então era colônia de Portugal.

Um encontro complexo marcado pela pluralidade e diversidade cultural de diferentes povos que se acolheram dentro de um terreiro. Perpassa a relação entre humano e divino o que é hoje o candomblé no Brasil, onde não constitui apenas a religiosidade, mas as tradições linguísticas ora esquecida e substituída pelo branco e o simbolismo de diferentes povos e culturas unidos e reduzidos a moeda de troca e valor unicamente material. O que nasce aqui se torna uma matriz da África justamente por se fragmentar na junção dos diversos caminhos existentes até o antigo continente.

“Um gigantesco mercado de escravo surge num curto espaço de tempo, na chamada África Atlântica, uma área produtora de ouro, compreendida entre a Alta Guiné (Sene Gâmbia) e Angola,. Entre os séculos XVI e XIX, um total de 11 milhões de africanos foi enviado para as Américas. John Thornton, reconhece no que diz respeito à África Atlântica, a existência de 152 unidades políticas independentes, sendo que, cada uma delas originava uma designação étnica específica. Eles não se nomeavam como “africanos”, mas sim como: jalofos, fulas, falupos, limbas, malis, acanes, savés, kanos, lubas e dezenas de outros termos, sendo que, a maioria dos nossos ancestrais africanos, veio da chamada África Ocidental e Centro-Ocidental – aqui conhecida como África Atlântica – hoje a região que vai do Senegal a Angola.” (Rodrigues, 2010,p. 105)

“Entendemos que para compreender a cultura africana, é preciso se reportar para a Costa Ocidental da África de onde vieram 30% dos africanos do Brasil, cujo contingente maior era formado, além dos iorubás-nagôs, também pelos bantos e jêjes, como também, fazer uma releitura dos elementos que compõe a cultura negra no Brasil, com seus valores e fundamentos de uma cultura milenar, que se preocupa com a realização e felicidade das pessoas.”(RODRIGUES, 2010, P.105)

Em meio ao tráfico negreiro, o escravo visto como pilar econômico e artigo de exportação é retirado às forças de tudo aquilo que lhe é familiar e se vê obrigado a reencontrar mares de distância em outra terra e em outro mundo.

Mas por que as mulheres? Assim, a mulher africana, vista como menor valor comercial frente ao homem cativo torna-se capaz de transitar pelas rachaduras das estruturas sociais por não performar a norma vigente e muito menos corresponder aos marcadores sociais das amarras patriarcais. Desse modo, invisíveis, com sua bagagem histórica de uma realidade africana policonjugal, coletiva e onde já se existia o domínio e conhecimento mercantil, junto ao enfraquecimento do papel masculino por questões econômicas e sociais, se destitui a ideia de que a “casa” é da mulher e a “rua” é do homem. Conceito patriarcal ocidental e vigente naquele momento onde o homem é o provedor e a mulher única e responsável pelo cuidado, contudo, vemos

agora que tanto a rua quanto a casa é única e exclusivamente da mulher. A não domesticidade da mulher não permite a possibilidade de renunciar a casa e conseqüentemente ao terreiro.

As ganhadeiras, mulheres de tabuleiro, lavadeiras e todo o trabalho permeado pelo fazer doméstico, visto como subalterno e depreciado, de lá até os dias de hoje, foram desenvolvidos pelas mulheres negras que conseguiram ter sua independência financeira, construir seus terreiros e manter unida a sua família de santo. Com o lucro do fazer doméstico comprovam não apenas sua alforria, mas a alforria de outras. Cabe a elas agora também o papel de sustentar a tradição e assim se tornam mediadoras do papel ativo de sua comunidade de origem, se tornam mediadoras de bens simbólicos.

Liderança feminina e matrifocalidade

Com o rompimento e afastamento proposital de laços e vínculos na separação estratégica dos semelhantes como fim a possíveis aglomerações e motins dos cativos não se permeia o conceito de descendência. A base social da família não existe e é dentro do micro espaço dos terreiros que nasce o macrocosmo africano de resgate à família, ao princípio de comunidade e ao seu retorno à Terra Mãe. A mãe de santo detentora do poder religioso antes de ser mãe no plano divino são mães dentro da comunidade.

"É a mãe que providencia calor, proteção, alimento, é também a lareira, a caverna ou cabana protetora e a plantação em volta. A mãe é também a roça fértil e o seu filho é o grão divino, o irmão e amigo dos homens, a mãe é a vaca leiteira e o rebanho" (JUNG, 1993, p. 3)

Nos estudos sobre a matrifocalidade, associados em sua maioria a populações pobres, onde provedoras mulheres são algo histórico e de importância econômica, é claramente refletido ao se carregar a criança no ventre que agora é capaz de permanecer aos cuidados maternos após seu nascimento. A mulher que agora em seu ventre carrega a ideia de liberdade e não mais uma mercadoria para o seu senhor dá espaço a matrifocalidade, as relações estreitas entre mãe e filho, e, diferente do que se espera tais laços são vistos como resistência, luta, acolhimento e agora como lugar de identificação.

"A Lei do Ventre-Livre, com o seu pecúlio, nada mais fez do que acentuar uma forma alternativa de família que tem suas origens na diáspora e desdobramentos na escravidão e no pós-abolição. Se na África as mulheres viviam com seus respectivos filhos em casas conjugadas à grande casa do esposo, num sistema poligínico, no Brasil rompeu esta relação, permanecendo a chefia da família com a mulher, florescendo a matrifocalidade." (BERNARDO, 2005, p.10)

"Esse termo identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isso se traduz em: relações mãe-filho mais solidárias que relações pai e filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino (Scott, 1990: 39)17." (BERNARDO, 2005, p.11)

Destituída de qualquer privilégio a não ser o da ausência de pertencimento na sociedade forçadamente inserida a mulher africana ressignifica seu papel social, ela encontra na hierarquia religiosa a representação que ora existiu no seu contexto tradicional e agora distante. O reconhecimento em meio a uma nova realidade, em um novo mundo e o candomblé surge como partilha, como um reflexo do que um dia já viveram. Justamente por não existir qualquer status, herança, privilégio ou vantagem na filiação ao paterno é na ausência de recursos que se tem terreno fértil para relações matrifocais. A mulher ao ocupar o papel de mãe ocupa não somente com seus filhos de sangue, mas com seus irmãos da terra. Órfãos.

O terreiro enquanto espaço simbólico e cultural da vida e tradição comunitária ocupa um novo contexto de ressignificação de signos e símbolos africanos. Uma comunhão de etnias, nações, ideologias, divindades. Cosmovisão que ultrapassa seus limites espaciais na sua nova maneira de se relacionar com o mundo mágico e cotidiano. A prática do terreiro preserva e transmite o conhecimento ancestral que agora nasce com a nova identidade negra permeada pelo sincretismo branco e católico e envolto pela mistura cultural de diferentes costumes e povos. Assim, o terreiro representa não somente a instituição religiosa, mas o espaço político, social e religioso de resistência, força e persistência histórica.

A invisibilidade social à visibilidade religiosa

Sabe-se que é justamente a ausência da necessidade constante da mulher negra na cadeia alimentar do sistema econômico colonial que a permite locomover em diferentes espaços e situações até sua chegada dentro dos terreiros, porém tal invisibilidade social permanece e permeia de que forma ao passar do tempo? Como é garantido seu destaque e visibilidade enquanto liderança religiosa?

“Torna-se fundamental, portanto, racializar e gendrar as relações de classe, pois a realidade desigual das mulheres negras em relação aos homens brancos ainda persiste nos diversos contextos em que estes historicamente representam figuras de poder na nossa sociedade, recebendo também os maiores salários. Mesmo em sua comunidade, as mulheres negras, em geral, estão em situação de desigualdade em relação aos homens negros, seus companheiros e irmãos, justamente pela mesma divisão sexual do trabalho que legitima as relações patriarcais de gênero.” (ROSA, 2010, p.5)

Nota-se que nesse artigo utiliza-se o termo matrifocalidade e matrilinearidade e não matriarcado, pois embora o empoderamento feminino dentro dos terreiros e espaços que ocupa a mulher ainda assim se encontra dentro da esfera social regida pelo homem branco e pelos pressupostos patriarcais. O conceito de matriarcado não cabe aqui, visto que mesmo que ocupem espaço de visibilidade religiosa e centralidade no âmbito familiar a mulher ainda assim é pressionada como ferramenta de subserviência dentro de um complexo sistema que não a reconhece. Torna-se impossível falar sobre o protagonismo das mulheres no candomblé sem se tratar do recorte de gênero. Mesmo que negociem espaços e ocupem lugares de poder em uma sociedade colonial, o tempo e a história não omitem as forças ainda presentes no machismo, racismo, sexismo e patriarcado.

Diferente do que se espera de Eva, assim como todas as representações virginais e domesticadas de submissão do papel feminino na cosmovisão cristã onde homens são tidos como manipuladores do sagrado, no candomblé a representação feminina é reflexo do seu enfrentamento social de resistência e nele ela

encontra a visibilidade e prestígio de pioneiras e mantenedoras da tradição. Onde o poder simbólico está fortemente associado à realidade, um marco de resgate permitido exclusivamente por mulheres.

Como breve discussão sobre gênero, embora existam muitas mulheres de santo, ainda existe um número muito pequeno de mulheres visíveis na sociedade. Mesmo como protagonistas de uma manifestação religiosa, ainda assim se encontram inseridas nas relações de gênero. Na medida em que o candomblé perpassa os muros do que é de preto e marginalizado, ao ganhar mais espaço nas comunidades todo o esforço feito até aqui é expropriado pelo tentáculo do sexismo e na necessidade de homens ocuparem posições de poder sejam elas religiosas ou não. Assim, como reflexo, nos dias atuais a predominância dentro dos terreiros é dos pais de santo, figuras de lideranças masculinas que agora se sobressaem nos holofotes antes dominados pelas mulheres, discussão e compreensão que não se cabem aqui, mas enriquece o lembrete que embora o fortalecimento do papel feminino em um momento histórico, onde foram as responsáveis por manter vivo toda uma existência cultural em diferentes espaços, o patriarcado de alguma forma conseguiu encaixar dentro da sua nova realidade o diminuto papel das mulheres.

Da mesma forma que, de acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, o número de mães solo chegou a 11 milhões no Brasil em 2022. Mães sejam elas brancas, pretas, ricas ou pobres que seguem sendo o reflexo da matrifocalidade. O recorte de gênero junto ao espaço das mulheres na sociedade é histórico e constantemente ameaçado pelo apagamento. As mães solas que ganharam espaço e reconhecimento na diáspora e principalmente, o papel de liderança em suas próprias vidas e costumes religiosos se tornaram marco histórico e reflexo nos dias atuais.

Yabás e a cosmovisão de disruptura com o feminino ocidental

Mãe Rainha. As Yabás representam toda a fração feminina dos Orixás tradicionalmente conhecidas como Nanã, Oxum, Obá, Iemanjá, Iansã e Ewá. Representações arquetípicas de potência e subjetividade da mulher negra. Socialmente organizadas, cultuam e valorizam o corpo e a sexualidade, não monogâmicas, ora desempenham a maternidade, ora não, deusas do tempo, da fertilidade, da força, da guerra e sabedoria vão de contramão a binaridade de gênero e a espera da fragilidade do sexo feminino.

Analisar o pioneirismo e protagonismo das mulheres no candomblé é também ir de embate a performatividade de gênero vigente no ocidente pelos "brancos donos de tudo" como conceitua Evaristo. A mulher preta e diaspórica com bagagem além do que se é conhecido no patriarcado moderno e ocidental é fruto de disruptura com o que se tem do feminino convencional.

Mulheres marcadas pela ação que não permite o monopólio do poder único exclusivamente pelo homem, que não aceitam o papel de passividade e subserviência são suas próprias heroínas frente a religião e seu cotidiano. Ela não se ocupa de um espaço que não lhe pertence, na verdade, ela resgata seu local de existência em outro continente.

"No terreiro de candomblé, os segmentos subalternizados da sociedade podem experimentar a possibilidade de ascensão social e de desenvolvimento em uma nova sociabilidade, metamorfoseando seus lugares de desvantagem social em posicionalidades de prestígio, geralmente ligadas à hierarquia religiosa. Nesse lugar, as mulheres, inclusive as negras pertencentes à classe social mais pauperizada, ocupam altos cargos, diferentemente do que se verifica em outras religiões. Corroborando esse dado, tem-se que, sobretudo nas casas religiosas mais tradicionais brasileiras a organização sociorreligiosa nesses espaços se

estrutura a partir da lógica matrilinear, sendo a figura mais importante na hierarquia religiosa a mãe-de-santo ou Iyalorixá (iyá=mãe).” (SILVA, 2010, p.131).

Percebe-se nestas mulheres não apenas uma responsabilidade religiosa com o cumprimento de seu dever, mas também um orgulho de serem quem são. Um empoderamento que em geral não é comum nas mulheres negras, tão massacradas pelas condições de racismo e sexismo que lhe são impostas. As sacerdotisas vivem de cabeça erguida, caminham com a postura de alguém que tem pleno conhecimento de sua importância. Não só no universo religioso, mas na vida. Em relação ao seu terreiro, elas demonstram estar conscientes da importância que tem. Por isso não há como não perceber a diferença das mulheres neste espaço, em relação à participação de mulheres em outros espaços religiosos, nos quais são sempre subalternas aos homens.

“Essas mulheres negras, partem de uma realidade diferenciada da mulher branca. Tem sua origem marcada pela opressão do racismo articulada à desigualdade social. Sobrevivem e mantêm suas tradições passando por processos de opressão, primeiro por no passado, seu culto ter sido proibido e hoje por ser demonizado. Têm que se afirmar como mulheres negras em um país que viveu o processo de branqueamento e ainda vive o mito da democracia racial e a branquitude. O feminismo negro propõe que estas questões sejam levadas em conta na discussão dos direitos das mulheres. O feminismo negro afirma que devemos considerar a realidade das mulheres do candomblé, que têm uma história de resistências e de lutas totalmente diferenciadas das mulheres brancas, que vem sendo demonstrado ao longo de uma história e uma memória cultural ancestral.” (CARNEIRO, 2003).”(MARIOSA, 2015, p.56)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma religião forjada na violência e opressão de um país colônia por meio de um regime escravocrata faz dos terreiros espaços além do culto religioso. A construção do conceito de comunidade entre africanos faz do candomblé seu macrocosmo. Espaço para a própria compreensão do desconhecido e transmissão de tradições.

O impacto social do pioneirismo e protagonismo feminino não se faz na ideia ou necessidade de colocar as mulheres pretas como heroínas e inalcançáveis, mas sua busca em repousar naquilo que lhe é familiar. O homem negro que ao chegar no Brasil é excluído do mercado de trabalho e colocado a marginalidade, por questões puramente econômicas que favoreciam os brancos colonos, possibilita a independência da mulher e o financiamento da sua vida centralizada no terreiro. A invisibilidade, vista até nos dias de hoje como grande problemática, funcionou como mecanismo de distanciamento e fuga que as possibilitou repelir o patriarcado convencional, visto que mercadoria não possui desejo ou papel social, apenas hierarquização de valor. Assim, não existe espaço, naquele momento, pra mulher escrava agora livre.

A interação entre o privado e religioso se vincula com o mundo externo e o torna público e ganha papel simbólico. O terreiro e a vizinhança se tornam um só, dessa forma, cabe às mulheres preservar inicialmente a memória, a cultura e a tradição ora esquecidas, cabe à mulher restaurar o conceito de família e religião, cabe a mulher entender a nova cosmovisão que o candomblé abrange.

Marx ao criticar o papel da religião determina a religiosidade como o suspiro do oprimido. Sendo assim é possível se exemplificar de forma clara nesse mesmo contexto no qual nasce a cultura afro-brasileira. Reconhecer o candomblé não como um sussurro, mas um resgate do oprimido que se encontra sem nome, sem laços, voz e tradição além apenas de pertencer ao universo das coisas.

Esse estudo permite de forma sucinta caminhar pela trajetória da mulher africana na construção da sua nova identidade, nas descobertas não só religiosas, mas seu pertencimento espacial e sua voz na reinvenção e restauração de vínculos e sentido. No resgate da sua afrodescendência.

Este artigo não tem como função retirar as mulheres do contexto social inserido e a santificá-la como resistência e revolucionárias, muito pelo contrário, é em meio a constante pressão e ausência de identidade que ainda assim são capazes de promover distinção e responsabilidade sociocultural além de apenas servir e prover dentro das próprias casas. Um movimento puramente de sobrevivência que impacta no surgimento não só de uma identidade, mas uma cosmogonia. Aqui, as mulheres se veem obrigadas a criarem o próprio mundo dentro da constante realidade de sacrifício, elas se tornam obrigatoriamente escorregadias e assim como as águas de suas divindades permeiam e se encaixam nos espaços que se encontram e resistem às intempéries do tempo e espaço.

"A voz da minha bisavó ecoou/criança nos porões do navio./Ecoou lamentos de uma infância perdida./A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo./A voz de minha mãe ecoou baixo revolta/no fundo das cozinhas alheias de baixo das trouxas/roupagens sujas dos brancos/pelo caminho empoeirado/rumo à favela./A minha voz ainda ecoa versos perplexos/com rimas de sangue e fome./A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes/recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas./A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato." (EVARISTO, 2009, p.13)

REFERÊNCIAS

- SCOTT, Parry. "O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico". In: *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1990.
- RODRIGUES, Neide dos Santos. O candomblé e a cultura afro-brasileira. *Revista tempo, espaço e linguagem (tel)*, v1, n2, maio/ago, 2010
- BERNARDO, Teresinha. O candomblé e o poder feminino. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, 2005.
- PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro brasileiras: Sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*. São Paulo, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998
- CARNEIRO, Sueli e CURY, Cristiane. O Poder Feminino no Culto dos Orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

NOGUEIRA, Guilherme e ALMEIDA, Tânia. A centralidade transgressora das mulheres nas comunidades de terreiro. Revista de Estudios Latinoamericanos. México, 2023

DE OLIVEIRA, Basílio Moreira. Mulheres de terreiro e patriarcado: uma proposta de reflexão. Revista Calundu. Brasília, 2020

LAMAS, Suriani Rita. A formação das religiões afro-brasileiras: a interferência do sincretismo religioso. Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 222-232, jan-jun/2019.

MARIOSIA, Santos Gilmara. O reino das Yabás : participação de mulheres negras no candomblé. UFMG. Belo Horizonte, 2015